

OS ESCRITORES QUE EU MATEI



OS ESCRITORES QUE EU MATEI

Marco Severo



© Moinhos, 2017.
© Marco Severo, 2017.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Revisão:
LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Daniel Justi

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

Nesta edição, respeitou-se o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

S498o
Severo, Marco | Os escritores que eu matei
ISBN 978-85-92579-28-9
CDD B869.3
Índices para catálogo sistemático
1. Crônicas I. Título

Belo Horizonte:
Editora Moinhos
2017 | 148 p.; 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos
editoramoinhos.com.br
editoramoinhos@gmail.com

Sumário

AS LEITURAS POSSÍVEIS DE UMA VIDA	11
OS CLÁSSICOS QUE VOCÊ NUNCA VAI LER	16
O AUTOR TEM MESMO QUE SE SUPERAR A CADA OBRA?	20
OU É NA IDADE CERTA OU NUNCA (?)	25
SEDUZIDO PELO TÍTULO	30
UMA ILHA DESERTA EM CHAMAS	35
INVEJA BRANCA LITERÁRIA	40
[GRANDES] AUTORES DE UM LIVRO SÓ	45
A ERA DO ESCRITOR MIDIÁTICO	55
EMPRESTAR LIVROS: UMA ARTE	60
É POSSÍVEL SEPARAR O AUTOR DE SUA OBRA?	65
O PROBLEMA DAS PRATELEIRAS	72
UMA DEFESA DO BEST-SELLER	76
QUEM VOCÊ TEM MEDO DE LER?	81
LEITURAS DE PRÉ-MORTE	86
ENDEUSAMENTO LITERÁRIO	90
LITERATURA É FINGIMENTO OU O CARNAVAL DOS CURUMINS	93
A ZONA DE CONFORTO LITERÁRIA É ACONCHEGO	99
É MESMO BOM SER A FORMIGA?	103
ESCRITORES DEFUNTOS E SEUS RESTOS	107
MINHA CULPA, MINHA MÁXIMA CULPA?	112
O MOMENTO CERTO DE TUDO: DAS LEITURAS DA INFÂNCIA E DA NÃO-TÃO-INFÂNCIA ASSIM	116
A MORTE E AS MORTES DOS ESCRITORES QUE ADMIRAMOS	119
OS ESCRITORES QUE EU MATEI	123
COLOCANDO FOGO NA BIBLIOTECA	128
O LEITOR TRANSFORMADO	132
VENDER LIVRO DE PORTA EM PORTA	
NA ERA DA AMAZON	135
UM AMOR (LITERÁRIO) REDESCOBERTO	138
SER OS OLHOS DE ALGUÉM	140
INDEPENDÊNCIA E/É VIDA	143



*A Vanessa Barbara, que pavimentou e iluminou os caminhos.
A Gabriela Reinaldo, amizade e afeto para além das palavras.
Ao Henrique, força soberana.*



A arte de escrever é a arte de descobrir aquilo em que se acredita.

Gustave Flaubert



AS LEITURAS POSSÍVEIS DE UMA VIDA

Vivemos por nossas obsessões.

No limiar entre a neurose e a completa paranoia, criticadas como sejam, são elas que nos salvam. Refiro-me aqui, claro, àquelas pequenas coisas que fazemos constantemente, com uma frequência que libera endorfina, serotonina e todos esses neurotransmissores que tornam a vida um pouco mais leve.

Imagine o que seria viver sem a ajuda dessas repetições que fazem de nós pessoas capazes de viver em sociedade. Sim, eu digo isso porque, se fôssemos privados dos nossos pequenos prazeres, é certo que o mundo teria muito mais criminosos do que tem atualmente.

Pois bem: andaram fazendo um cálculo e descobriram que, se nós lêssemos um livro por semana até os 80 anos, o máximo que conseguiríamos ler entre os 15 e os 80 seria o total de 3510 livros.

Isso significa que se eu parasse de comprar livros *hoje*, ainda assim não daria conta de ler tudo o que tem na minha biblioteca pessoal. E que fique claro que a possibilidade de nunca mais comprar nada e ler apenas o que já tenho está fora de cogitação.

Pausa para o momento da depressão. Fôlego novo. Avante.

O assunto já me ocorrera, mas só quando vi uma postagem da escritora Socorro Acioli sobre ele no Facebook, foi que decidi ser a hora de escrever a respeito: o quanto se pode ler numa vida, e qual

a importância de sermos seletivos ao escolhermos uma leitura? – Ou mesmo se isso de fato é relevante para o leitor, seja durante sua formação ou se quando este finalmente dar-se conta de que o tempo que tem para fazer tal leitura é esqualido.

Então, vamos às inquietações, que são muitas.

Quando eu era mais jovem, o hábito de ler tudo o que aparecia pela frente fez com que eu me tornasse um glutão literário. Apareceu, eu devorava. Mas isso foi no tempo do antes – quando esse tipo de comportamento se faz até necessário, eu diria.

Com o passar dos anos, entretanto, ler se torna uma peleja árdua e contínua. Quantos não conhecemos que se utilizam da clássica “Eu não leio porque não tenho tempo”? Ou então a variação dela: “Já li muito na vida, mas com essa correria do *dia a dia, não posso mais*”. São os que *sucumbem pelo caminho*. Mas podemos culpá-los de todo? Nem todo mundo nasceu para ganhar guerras. E se tem um negócio aflitivo hoje em dia, é equilibrar a obrigatoriedade de uma vida dinâmica (trabalho, casa, redes sociais) a pessoas ao redor cada vez mais carentes e ainda arranjar tempo pra ler.

Até uma certa idade quando as obrigações são menos conflitantes, tudo bem. Depois que a avalanche faculdade-emprego-relacionamento-família (ou suas inúmeras variações) começa a descer a montanha com tudo atrás de você, é correr pra não ser pego.

E há quem consiga. Eu me obrigo a conseguir, porque de algumas lutas jamais abrirei mão. Ler e escrever, por exemplo.

Só que há um momento em que essa máquina compressora de livros se desgasta. É quando ela dá lugar ao ser humano, que com um pouco mais de sabedoria, faz escolhas baseadas no desejo, sem dúvida, mas num desejo que almeja a fruição, e não apenas o prazer imediato – ou a quantidade.

Nietzche disse no seu *Assim falou Zaratustra*: “Mastigar e digerir tudo – essa é uma maneira suína”. Comparar o leitor que lê qualquer

coisa como se não houvesse amanhã a porcos é a maneira mais clara de afirmar que quem tudo ingere, corre o risco de ingerir dejetos.

Eu não estou falando aqui de quem, na tentativa de reviver um amor antigo, decide-se por fazer um *revival* que, seja com livro ou com pessoas, quase sempre termina em tragédia. Outro dia resolvi pegar pra ler um autor que tinha sido uma verdadeira febre pra mim na adolescência, quase vinte anos depois de tê-lo lido pela última vez. Resultado: abandonei o livro nas primeiras páginas, com a sensação de que dos 14 aos 19 só perdi meu tempo.

Por esse mesmo motivo não releio livros que amei desbragadamente em outras épocas. Não incorro mais no risco de macular a imagem que tenho de um velho amor. O livro continua o mesmo, o que mudou foi meu eu leitor. Não funciona mais. Qual a necessidade da releitura, então?

Voltando àquele cálculo, temos de pensar também que o leitor que busca a leitura pelo seu valor não vai ler como quem se apressa para cumprir uma meta. Antigamente, num ano de leituras em que eu não atingia a média de livros que leio em 365 dias, ficava chateado. Atualmente, embora eu continue com a mania de anotar todos os livros que leio, sei que, se eu ler 27 num dado ano ao invés de 40, isso não terá a menor diferença. Talvez eu me pergunte o que teria acontecido pra eu ler bem menos, lembre dos motivos e só. A vida segue e no ano seguinte já será um outro arquivo com as leituras começando pelo número um.

Ninguém aprende a selecionar de uma hora para outra. Basta olharmos em nossa volta e percebermos não apenas as porcarias que os outros fazem de/em suas próprias vidas, mas as nossas também. Quantas vezes tivemos a *certeza* de que estaríamos mortos se arrependimento matasse? Mas aprendemos. A maioria de nós, pelo menos. E sem essa de apontar o dedo para a leitura do outro. Os níveis de leitura e as necessidades leitoras variam; assim, embora nós adoremos criticar quem passa a vida na literatura erótica e

endeusar quem só lê clássicos, cada qual está usando seu filtro, seus parâmetros. E enquanto a literatura for capaz de fazer alguma coisa pela vida de alguém, não importa se ela atende pelo nome de Mr. Grey ou de Dom Quixote. Não é isso que está em questão aqui.

Ainda hoje me sinto perdido quando vou a uma livraria. Não raro, circulo pelos mesmos espaços inúmeras vezes, na esperança de que um livro que estava dormindo, quando eu passei por ele da primeira vez, pule no meu colo na segunda. E sabe-se lá se esse dito livro não será capaz de mudar algo no que existe de mais entranhado em mim?

Agora, seja lá como for, não podemos emporcalhar nossa vida literária. Lê o que te apetece, mas não te obrigas a ler o que não está na hora de ser lido (e pode ser que nunca será). Dê um prazo ao livro. Se ele não te seduzir, passe para outro. A vida é curta demais pra nos obrigarmos a ler uma obra que não nos toca.

E isso nos traz a uma abrangente questão: a consciência da passagem do tempo nos torna mais criteriosos quanto ao que ler? Possivelmente. Quem sabe que já viveu, digamos, mais da metade de um século pode começar a ter seus parâmetros: todos os livros do seu autor favorito, tudo o que considerar bom sobre um determinado tema, a literatura de um determinado país ou região... as possibilidades são muitas. Poder explorá-las, uma dádiva que só a sabedoria trazida pelo tempo é capaz de instaurar.

Se uma das razões por estarmos vivos é podermos nos tornar seres humanos melhores para, assim, fazermos a diferença para nós mesmos e para o mundo, não podemos abdicar de nossos parâmetros. Nossa vida é pautada por eles, seja de forma autoimposta ou porque o próprio ato de viver nos impõe. E ler é um ato transformador. Trazer para si boas leituras é também uma maneira de presentear a própria vida. Fazê-lo de forma sábia é a forma de agradecer a oportunidade que nos foi dada de estarmos no mundo e podermos fazer usufruto da ideia dos outros para que aquilo nos ilumine onde jamais luz nenhuma chegou. Seja lá no que se acredite – ou não –

pertencer a uma espécie tão frágil e ainda assim ser capaz de existir quando tanta coisa nos diz não, é por si só algo sobrenatural, belo e transcendente.

Viver a experiência requer tempo, paciência e portas abertas para se deixar tocar. Aos poucos, o livro vai se tornando um cúmplice. E convenhamos: sexo com amor é muito mais gostoso.